

FESTA DE SÃO PEDRO, ILHA DE PAQUETÁ: PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA E PERMANÊNCIA DO TERRITÓRIO

Julienne Lemos Saback ¹

RESUMO

O processo de construção do senso de pertencimento de uma comunidade pode estar diretamente relacionado às práticas culturais e às memórias que são preservadas ao longo de gerações. Dessa maneira, comunidades tradicionais constroem o senso de coletividade e preservam seus territórios e suas territorialidades. Os pescadores artesanais da Ilha de Paquetá, que se encontram na Baía de Guanabara, tem na prática dos festejos do santo padroeiro, a manutenção do seu senso de pertencimento como povo da pesca. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo observar como os festejos realizados pelo pescadores artesanais da Ilha de Paquetá propiciam a manutenção das suas territorialidades, a partir da realização de uma festa que homenageia o padroeiro dos pescadores, São Pedro. A metodologia é de caráter qualitativo, se debruçando na revisão de literatura e contou ainda com uma prática de campo a fim de experienciar as vivências de pescadores e moradores de Paquetá com a celebração em torno do santo. Essa pesquisa se justifica pela importância de se compreender como a memória é um aspecto relevante, que se relaciona com o espaço vivido e com os processos culturais que propiciaram a concretização de uma comunidade.

Palavras-chave: Ilha de Paquetá, Memória, Território, Cultura.

RESUMEN

El proceso de construcción del sentido de pertenencia de una comunidad puede estar directamente relacionado con prácticas y memorias culturales que se conservan a lo largo de generaciones. De esta manera, las comunidades tradicionales construyen un sentido de colectividad y preservan sus territorios y territorialidades. Los pescadores artesanales de la isla Paquetá, ubicada en la Bahía de Guanabara, celebran a la patrona manteniendo su sentido de pertenencia como pueblo pescador. En este sentido, el presente trabajo tiene como objetivo observar cómo las celebraciones realizadas por los pescadores artesanales en la isla Paquetá permiten el mantenimiento de sus territorialidades, a través de la realización de una fiesta que rinde homenaje al santo patrón de los pescadores, São Pedro. La metodología es de carácter cualitativo, se centró en la revisión de la literatura y también incluyó prácticas de campo con el fin de vivir las experiencias de pescadores y vecinos de Paquetá con la celebración en torno al santo. Esta investigación se justifica por la importancia de comprender cómo la memoria es un aspecto relevante, que se relaciona con el espacio vivido y los procesos culturales que llevaron a la creación de una comunidad.

Palabras clave: Isla Paquetá, Memoria, Territorio, Cultura.

¹ Doutoranda do Curso de pós-graduação em População, Território e Estatísticas Públicas – ENCE/IBGE, julienneacademico@gmail.com;



INTRODUÇÃO

O processo de construção do senso de pertencimento de uma comunidade pode estar diretamente relacionado às práticas culturais e às memórias que são preservadas ao longo de gerações e que auxiliam na preservação das territorialidades de comunidades tradicionais, ribeirinhas, quilombolas, entre outras.

No que se refere às comunidades de pescadores artesanais, as práticas pesqueiras, a organização comunitária e as manifestações religiosas são formas de manutenção de processos culturais, que aproximam os pescadores contemporâneos de seus ancestrais e fortalecem o sentido de lugar e a manutenção de suas identidades como síntese de resistência de seus territórios. Os territórios são reflexos das construções sociais que se alteram no espaço-tempo e produzem territorialidades (Saquet, 2015).

Conforme salienta Silva (2015, p. 21)

a produção do cotidiano e do lugar, tecido nas relações de trabalho, nos vínculos sociais, nas sociabilidades e heranças culturais que marcam o pescador no exercício de sua função, mas também no ócio e no convívio com amigos e familiares: possui uma espacialidade (relação com os objetos) e historicidade (relação com as heranças culturais, as memórias e as identidades coletivas, marcado por normas tecidas nos costumes – direito consuetudinário, que são normas construídas a partir dos costumes e tradições de atos e valores de um grupo - e que tem a oralidade como um dos princípios de linguagens mais importantes).

A pesca é uma atividade praticada ao longo dos séculos, presente para a subsistência humana e, com o desenvolvimento das civilizações, sendo incorporada como prática econômica de modo mais amplo. Ela está relacionada com características

histórico-culturais, ambientais, sociais, políticos e econômicos e, nesse sentido, coloca-se a necessidade de articular conhecimentos, saberes e ciências para propiciar uma visão mais integrada da pesca e perceber a riqueza e as nuances deste universo. (FAERJ, SEBRAE-RJ, p. 15, 2009).

A preservação da memória é um importante fator que vai contribuir para a manutenção de aspectos tradicionais de comunidades e populações, assim como assegurar a identificação dos sujeitos como pertencentes a um grupo. De acordo com Morigi *et al* (2017, p. 187)

A memória cultural é constituída por heranças simbólicas materializadas em monumentos, documentos, ritos, celebrações, objetos, textos, escrituras e outros suportes mnemônicos e possui caráter dinâmico. Além disso, ela possui um papel fundamental na construção das identidades.

Dessa maneira, conforme descrito por Lara (2016, p. 1), “a memória pode ser entendida popularmente como a capacidade que o ser humano tem de conservar e relembrar experiências e informações relacionadas ao passado, sendo estas, parte de processos de interação de cada



indivíduo com seu meio”.

Um grupo de (ex) pescadores artesanais que se encontra na Baía de Guanabara, em um bairro do município do Rio de Janeiro, a Ilha de Paquetá, mantém através da preservação da memória e dos festejos ao santo padroeiro, São Pedro, o senso de coletividade e de afirmação como povo da pesca. Essa festa, que é organizada por pessoas que estão direta ou indiretamente associadas à pesca, consegue reunir toda uma comunidade para uma celebração que ocorre anualmente.

Nesse sentido, esse trabalho tem como objetivo observar como os festejos realizados por pescadores artesanais da Ilha de Paquetá propiciam a manutenção das suas territorialidades, a partir da realização de uma festa que homenageia o padroeiro dos pescadores, São Pedro.

Realizar uma abordagem acerca da memória é um aspecto bastante relevante ao se trabalhar e pesquisar sobre temáticas relacionadas com populações tradicionais, já que ela se relaciona com o espaço vivido e com os processos culturais que propiciaram a sua concretização como uma comunidade.

A partir disso, a Geografia propicia importante embasamento teórico alicerçado na Geografia da Religião, com a compreensão do espaço sagrado, salientado pela professora Zeny Rosendahl, bem como pela Geografia das Existências, proposto pela professora Cátia Antônia da Silva. Essas duas contribuições, proporcionam o entendimento da construção de identidades das comunidades tradicionais, que auxiliam no fortalecimento de suas territorialidades.

O presente trabalho possui caráter qualitativo, que se debruçou em um arcabouço teórico-conceitual e revisão de literatura sobre patrimônio cultural e território e territorialidades, a fim de se compreender as nuances que abarcam os festejos de São Pedro para os pescadores artesanais da Ilha de Paquetá.

Contou ainda com uma prática de campo com a finalidade de experienciar as vivências de pescadores e moradores de Paquetá com a celebração em torno do santo que é considerado o padroeiro dos pescadores, no qual foi possível observar questões relativas à religiosidade, à manutenção da tradição e a busca pela territorialidade.

A prática de campo contou com três momentos: o primeiro na procissão marítima junto com fiéis que seguiam, em embarcações, a imagem de São Pedro sendo levada por um pescador; após, a procissão a pé, com fiéis carregando a imagem do santo da praça principal da ilha até a capela na colônia de pescadores; e, por fim, a apreciação de uma missa realizada no pátio da colônia.



SAGRADO, SIMBÓLICO, IDENTITÁRIO

As experiências vivenciadas por pescadores artesanais, em sua maioria, são processos culturais que percorrem práticas que são passadas por gerações. Assim como na arte da pesca, as territorialidades dessas populações estão alicerçadas na memória e no espaço vivido. Nesse contexto, costumes ligados à religiosidade influenciam na integração da comunidade, bem como no fortalecimento do senso de pertencimento.

De acordo com Rosendahl (2018, p. 78), “a experiência do sagrado remonta a comportamentos individuais e coletivos bastante remotos na história da humanidade”. Essas vivências trazem na fé um suporte para acreditar em dias melhores, em proteção, além de serem importantes elos de sociabilização dos indivíduos.

Para além disso, as manifestações ao sagrado trazem consigo a assimilação que desencadeia em um senso de pertencimento de um grupo. Esse fator influencia na percepção de sua identidade, que “é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (Pollak, 1992, p.204).

A relação com que as comunidades tradicionais encontram nas manifestações religiosas, é instrumentos que ampara a sua identificação com o lugar e reforçam a existência de seus territórios. A autora supracitada salienta ainda que “o ritual pelo qual o homem sacraliza o espaço é eficiente à medida que ele reproduz a obra dos deuses. As estruturas simbólicas resultantes são definidas e caracterizadas pela cultura do grupo envolvido”(Rosendahl, 2018, p. 80).

O espaço sagrado, pode ser local de prece e rituais institucionalizados, como na igreja, ou por espaços comunitários de encontro. Em algumas comunidades, a celebração de um santo pode reunir a figura institucionalizada, como um padre, e os indivíduos de um grupo, proporcionando um encontro de valores simbólicos (Rosendahl, 2018). Esses valores simbólicos festejados, são representações culturais, que fundamentam o território e a existência dos indivíduos no espaço.

Assim, pode-se observar a cultura como construção social que é “vvida diferenciadamente pelos diversos grupos sociais, resultante de uma combinação de traços relativos a classe, gênero, idade, etnia e religião” (ROsendahl, 2018, p. 116). As comunidades tradicionais estão firmadas em dimensões culturais que possibilitam seu reconhecimento como

grupo coeso. As memórias que são transportadas dos mais velhos aos mais jovens são importantes fatores de fortalecimento comunitário e de afirmação cultural.

Nessa perspectiva, os pescadores artesanais, como comunidades tradicionais que são, trazem nas práticas religiosas, a sua identificação como pertencentes a um grupo específico, que através das suas atividades cotidianas e das manifestações culturais, (re)produzem territorialidades.

Com a expansão das sociedades capitalistas em busca por espaços de ampliação urbana, a manutenção dos territórios das comunidades tradicionais tornam-se cada vez mais difíceis de serem mantidas. Assim, suas formas de resistência se encontram presentes no seu espaço percebido e no vivido, que a partir de seus simbolismos, da sua cultura e identificação como comunidade, fortalecem a luta por suas territorialidades.

Nesse sentido, as manifestações culturais estimulam os grupos sociais a se reconhecerem, se assegurarem e se fortalecerem, dando suporte para a construção de uma base e de uma identidade que os permite compreender a importância do senso de coletividade. É dessa maneira que as comunidades tradicionais permanecem territorialmente.

Essas territorialidades percebidas pelos grupos tradicionais também se fortalecem a partir do compartilhamento da memória coletiva da comunidade. Essa memória se encontra nas histórias contadas, bem como na construção social e nos modos de fazer e nas práticas internalizadas e passadas por gerações. Conforme menciona Halbwachs, cada comunidade

se divide e se restringe, no tempo e no espaço. É no interior dessas sociedades que se desenvolvem tantas memórias coletivas originais que mantêm por algum tempo a lembrança de acontecimentos que não têm importância se não para elas, mas que interessam tanto mais para seus membros, que são pouco numerosos (1990, p. 79).

Nessa perspectiva, as comunidades de pescadores tradicionais carregam consigo muitas memórias que se tornam parte de sua cultura e que fortalecem a sua identidade. Ela se caracteriza na manutenção de práticas pesqueiras que são menos agressivas ao meio ambiente, na arte de confecção de seus petrechos de pesca, na sabedoria compartilhada sobre o clima, o tempo, as marés e nas manifestações do sagrado, reverenciando o santo padroeiro e as entidades das águas.

Para além disso, a memória cultural, que se reproduz a partir de uma coletividade, “avança, no passado até certo limite, mais ou menos longícuo aliás, segundo se trate deste ou daquele grupos” (Halbwachs, 1990, p. 109). Ainda que as comunidades tradicionais, sejam ou não de pescadores, tenham algumas de suas dimensões do espaço vivido e percebido similares,

cada uma delas possui suas singularidades. É nessa distinção que é possível se reconhecer como de uma comunidade e não de outra.

O sagrado também se faz presente nas especificidades dessas comunidades. Em cada uma é possível observar celebrações com fins específicos, de acordo com a sua crença. Entre os pescadores, é bastante comum festejar São Pedro, que é conhecido como o padroeiro desses trabalhadores e seus grupos. Entretanto, a maneira de enaltecer ao santo pode ser diferente. Mais uma vez, percebe-se a que os processos culturais de cada comunidade são responsáveis por indicar a sua identidade, que está associada à territorialidade.

Nesse interim, a celebração a São Pedro é um momento bastante marcante para os pescadores tradicionais. Na Baía de Guanabara, é possível observar que algumas comunidades de pescadores ainda mantêm as comemorações ao santo. Essas manifestações de fé são percebidas na baía desde o início do século XX, conforme mencionado por Corrêa e Vieira (2016), que salienta que em 29 de junho de 1920 uma grande celebração a São Pedro foi realizada na Baía de Guanabara, reunindo centenas de embarcações que podiam ser visto na Enseada de Botafogo.

Os (ex) pescadores da Ilha de Paquetá realizam anualmente os festejos a São Pedro. No pátio da antiga colônia de pescadores, uma capela dedicada ao santo é mantida com todo esmero e com a proximidade da data de celebração, a manutenção é reforçada. A festa geralmente ocorre em um final de semana e conta com missão, procissão e festa com barracas de comidas, bebidas, jogos e palco com música.

Na próxima seção, a festa de São Pedro que acontece na comunidade de pescadores de Paquetá será contemplada, com a finalidade de compreensão de como a manutenção do sagrado consegue assegurar a identidade de um grupo que têm se desestruturado, mas que mantêm nas festividades ao santo padroeiro, sua memória e identidade como povo da pesca.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Ilha de Paquetá está localizada na Baía de Guanabara e faz parte de um arquipélago que possui seu próprio nome. A ilha é um bairro da cidade do Rio de Janeiro, se encontra ao fundo da baía e está próxima a APA de Guapimirim (aproximadamente 10 km de distância), que pode ser observada na figura 1, que é importante unidade de conservação que contribuem para uma melhor qualidade da água nas suas proximidades.



Figura 1: Localização de Paquetá na Baía de Guanabara.



Fonte: Elaborado pela autora, via software QGIS

Assim como outras localidades da Baía de Guanabara, em Paquetá também se encontram pescadores. Entretanto, esses não estão organizados de maneira coesa, não existindo uma colônia de pescadores que de formato oficial, que sirva de associação para esses trabalhadores. Existe um espaço de convivência e de moradia de ex-pescadores e suas famílias no local que abrigou há muitos anos a colônia de fato.

Os festejos relacionados ao dia do padroeiro dos pescadores conseguem unir não apenas os pescadores da ilha, mas também a comunidade paquetaense. No que se refere à colônia de pescadores de Paquetá, que atualmente não abriga mais trabalhadores da pesca, apenas moradores que já foram pescadores um dia e seus descendentes, estes fazem questão de manter algumas tradições de épocas passadas. Essas tradições estão relacionadas às memórias desse grupo, que irão refletir no seu potencial de se identificar como uma comunidade.



Tendo em vista o exposto acima, a comunidade da colônia de pescadores de Paquetá, traz na materialização das festividades do santo padroeiro, as memórias que os possibilitam a sua identificação como povo da pesca. Essa identificação se associa ao conceito de memória coletiva, já que “não existe memória puramente individual, posto que todo indivíduo está interagindo e sofrendo a ação da sociedade, através de suas diversas agências e instituições sociais” (ENNE e NECOLINI, 2016, p. 5).

Nesse sentido, a permanência de práticas culturais aproxima os pescadores contemporâneos de seus ancestrais, e fortalece o sentido de lugar e a manutenção de suas identidades como síntese de resistência de seus territórios. Portanto, preservar as práticas culturais é uma forma de fortalecer a memória e a coletividade, e a festa do padroeiro, como no caso dos pescadores de Paquetá, é a maneira de se reconhecer como parte de um grupo.

No dia 29 de junho é comemorado o dia de São Pedro, santo conhecido, entre outras razões, como padroeiro dos pescadores. A colônia de pescadores da Ilha de Paquetá mantém tradições de realização de uma festa e uma barqueata (espécie de procissão em barcos) de São Pedro todos os anos. Em 2022 a festa aconteceu no primeiro final de semana do mês de julho, entre os dias 01 e 03.

A barqueata ocorreu no sábado, 02/07, pela manhã e contou com membros remanescentes dos pescadores da Colônia, bem como simpatizantes do santo e pescadores da ilha e de outras comunidades que margeiam a Baía de Guanabara. A saída da barqueata que leva o santo se deu em frente à Colônia, conforme pode ser observado nas figuras 2 e 3, e seguiu em direção à Praia da Grossa, ao lado da Praça Pedro Bruno, ponto central de Paquetá, local onde se localiza a Estação das Barcas e a poucos metros da Igreja Bom Jesus.



Figura 2: Local de início da procissão aquática de São Pedro



Fonte: autoria própria. Junho de 2022

Figura 3: Barqueata levando a imagem de São Pedro



Fonte: autoria própria. Junho de 2022

Chegando ao destino, a procissão então seguiu pelas ruas da ilha e volta para o local de partida com a imagem do santo sendo carregada pelos devotos. Chegando novamente na Colônia, realizou-se uma missa na capela local em homenagem ao santo (figuras 4, 5 e 6).



Figura 4: barqueata chegando ao destino



Fonte: autoria própria. Junho de 2022

Figura 5: Devotos carregam santo de volta para a Colônia de Pescadores



Fonte: autoria própria. Junho de 2022



Figura 6: Capela de São Pedro na colônia de pescadores



Fonte: autoria própria. Junho de 2022

Para realização e manutenção da memória e tradição da comunidade pesqueira, os moradores da colônia se unem e arrecadam doações para a realização da festa e da procissão. As festividades de São Pedro fazem parte da materialização da memória e da cultura local, estando alicerçado num conjunto de práticas que se enquadram como patrimônio imaterial, de bem cultural, como previsto pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), na publicação Educação Patrimonial Programa Mais Educação, que enfatiza que

O patrimônio cultural é o conjunto de manifestações, realizações e representações de um povo. Ele está presente em todos os lugares e atividades: nas ruas, em nossas casas, em nossas danças e músicas, nas artes, nos museus, escolas, igrejas e praças. Nos nossos modos de fazer, criar e trabalhar. Nos livros que escrevemos, na poesia que declamamos, nas brincadeiras que fazemos, nos cultos que professamos. Ele faz parte de nosso cotidiano, forma as identidades e determina os valores de uma sociedade (IPHAN, 2013, p. 3).

A manutenção dessas manifestações por parte dos pescadores evidencia que suas raízes ainda se encontram preservadas de alguma maneira, sejam na permanência de estrutura física da colônia, seja na perpetuação das práticas de culto ao santo padroeiro. Esse contexto possibilita o desenvolvimento do senso de pertencimento, de identidade com a comunidade. “A identidade é o sentimento de um indivíduo ou grupo em pertencer a uma determinada região, prática social, ideia ou sistema de valores” (IPHAN, 2013, p. 7).



As festas religiosas, como as procissões realizadas pelos pescadores, trazem consigo a marcação de suas territorialidades, expressas na imaterialidade encontrada nessas comunidades. É nessa manifestação de fé e de memória, que o pescador encontra maneiras de preservar seu território.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As comunidades tradicionais de pescadores artesanais estão imersas em memórias que fazem com que a arte da pesca seja passada por gerações. Através do compartilhamento da memória coletiva de seus habitantes, a produção e manutenção de seus instrumentos de trabalho, a observação do clima e das marés, a prática do caceio e mesmo a evolução das técnicas de pesca, se fazem presentes desde tempos remotos e se fixaram nessas comunidades a partir da memória construída.

A preservação da memória é importante mecanismo que pode ser capaz de empoderar populações e ser meio de resistência de sua permanência onde estão inseridas. Desse modo, podem ser capazes de enfrentar projetos que venham a interferir nas suas territorialidades e propiciar processos de desterritorialização geradas pela expansão capitalista, que implicam no surgimento de novas fronteiras industriais e urbanas.

É na expressão das manifestações culturais que a identidade dos grupos se apresenta, que é desenvolvido o senso de pertencimento. Dessa maneira, a territorialidade se fortalece e se faz presente. Logo, a manutenção das práticas culturais, como a procissão, reflete o desejo de estar imerso nesse mundo ao qual desde jovem está inserido, fortalecendo o senso de pertencimento e reconhecimento por aquele lugar.

REFERÊNCIAS

Diagnóstico da cadeia produtiva da pesca marítima no Estado do Rio de Janeiro: relatório de pesquisa FAERJ, SEBRA-RJ - Rio de Janeiro, 2009.

Educação patrimonial: Programa Mais Educação. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducPatrimonialProgramaMaisEducacao_fas1_m.pdf Acesso em: 12 de jul de 2022

ENNE, A, L. NERCOLINI, M. J. **Narrativas de memória e territórios inventados: A configuração das identidades e dos lugares como processos culturais.** Revista Mídia e Cotidiano. V. 8, N. 8, 31 de mar. 2016



HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990

LARA, C. B. Q. **A importância da memória para a construção da identidade: o caso da Igreja Nossa Senhora Imaculada Conceição de Dourados/MS.** 13º Encontro Regional de História. Coxim, 2016.

MORIGI, V. J. LAROQUE, L. F. MAGALHÃES, N. M. E. GOMES, C. R. A. S. BARDEN, J. E. **Memória cultural na construção das identidades e mapas imaginários de práticas culturais étnicas.** Cadernos de Estudos Culturais, Campo Grande, v. 5, n. 10, p. 185-208, (2013): Memória Cultural.

ROSENDAHL, Z. Espaço, o sagrado e o profano. *In: Uma procissão na geografia (online).* Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, pp. 77-92

_____. NEPEC: lugar onde fluem as ideias e se escreve sobre elas. *In: Uma procissão na geografia (online).* Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, pp. 115-135

SILVA, C. A. **Políticas públicas e território: passado e presente da efetivação de direitos dos pescadores artesanais no Brasil.** Rio de Janeiro: Consequência, 2015

SAQUET, M. A. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2015